

**Professora Vânia Porto**, solenidade de abertura do I Congresso de Agroecologia do Semiárido e o VII Simpósio Brasileiro sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, no Teatro Municipal Dix-Huit Rosado, dia 13 de outubro de 2015.

Boa noite a todas e a todos,

Sejam bem vindos a Mossoró, essa cidade abraçada com o sertão e enamorada com o mar. Sejam bem vindos ao I Congresso de agroecologia do semiárido e ao VII simpósio brasileiro sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável do semiárido. Serão 04 dias de evento, 24 minicursos, 20 palestras, seis grandes mesas, feiras, apresentação de 400 trabalhos acadêmicos, momentos culturais e mais de 1000 participantes, entre professores, estudantes, agricultores, técnicos e militantes de movimentos sociais.

A realização desse encontro foi um grande desafio, mas também um grande chamado diante do atual contexto político e agrário da América Latina – se é que podemos separar o político do agrário, mas aqui o fazemos com o objetivo de dar ênfase. Grande parte dos países desse continente irmão tem adotado a agenda neodesenvolvimentista, expressão do capitalismo contemporâneo que se traduz em duas palavras: produzir e consumir. Um círculo vicioso perigosíssimo que tem concentrado riqueza, destruído nossas florestas, privatizado nossas terras e águas, matado nossos índios e expulsados nossos camponeses. O Brasil, infelizmente, é um dos protagonistas: agrohidronegócio, perímetros irrigados, belo monte, transposição do rio São Francisco, portos, grandes obras que desconhecem o pertencimento ao território e coisificam o presente no intuito de se apagar o passado de nosso povo.

É daí que o congresso é parido, nasce como um ato político de rebeldia e esperança. Universidade Federal Rural do SemiArido, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Núcleo de Estudos em Agroecologia, Núcleo Macambira, Grupo Verde de Agricultura Alternativa, projeto Ser-tão – academia militante - compõem a

família não tradicional brasileira que, junto com tantos parceiros e parceiras, gestou de maneira coletiva os dias que virão.

A história nos interpela. A terra grita. É preciso responder.

A agroecologia aparece como poesia esperançosa em tempos difíceis: combate ao uso de agrotóxicos, relação igualitária de gênero, distribuição equânime da terra, saberes tradicionais, combate à fome - É melhor morrer na luta do que morrer de fome, nos lembra Margaria Alves....

...Certa vez um agricultor afirmou: "Nosso problema não é a seca, mas a cerca", em um processo de interação radical do ser humano com a natureza em que não há uma resistência à seca como o DNOCs (departamento nacional de combate a seca) quer imprimir, mas uma coexistência, a agroecologia nos ensina que outro mundo é possível. A resistência que defendemos não é a fenômenos naturais, mas ao sistemas econômico suicida, ecocida e pobrecida que é o capitalismo.

Experiências, experiências... haverá centenas delas por esses dias. Que experimentemos juntos e juntas.

Sob a sombra do Mulungu, do Pereiro, da Jurema, e do Sabiá iniciemos o nosso congresso.

Mas antes pedimos a bênção dos agricultores e agricultoras, verdadeiros detentores da sabedoria, como no poema o "Sonho" de Antônio Francisco:

- *"Quando chegamos na praça/*

*Eu parei, passei a mão/*

*Numa estátua de ouro/*

*Parecida com Sansão/*

*Só que em vez de uma queixada,/*

*Era uma enxada não mão.*

*Eu perguntei para o homem/*

*É de um parlamentar?/*

*Ele me respondeu/*

*Com um sorriso no olhar:/*

*É de um agricultor,*

*O nosso herói popular."*